

O alforje da boa razão
Livrinho para meninos

Quem me a mim quer bem
Diz-me do que sabe,
Dá-me do que tem.

Ao Sr. Manoel de Mello

Meu caro Manoel de Mello

Desejara eu hoje ver impresso o manuscrito que a esta acompanha.
Não o escrevi com esse intento.

Em geral os que publicam seus escritos, se prolongam, nas três primeiras linhas declaram que *tirá-los à luz nunca tiveram em mente*. Seguem-se logo às três linhas umas vinte expondo o que motivou a publicação. Quase sempre — *instâncias de alguns amigos ou conhecentes* (os quais, aqui entre nós, só depois do escrito impresso dele hão notícia). Háos mais *ingênuos*, por não dizer *engenhosos*. Estes confessam *não merecer o livro a honra de ser tirado a lume*; entretanto, trazem-no, como o único escopo — *de lembrar tal ou qual idéia, que, porventura, desenvolverá pena mais bem aparada*.

Não lhe parece que estou refraseando de mim próprio.

Pois eu lhe conto.

Houve em minha vida um dia de verdadeira e suavíssima comoção.

Esperava esse dia com inexprimível ansiedade.

V.¹ tem muito coração, e não se há de rir disso.

Enfim, amanheceu: foi o dia 270º do ano passado.

Nasceu-me um filho.

O herdeiro, sem dúvida, das queixas que do mundo tenho. Permita Deus que também o seja da resignação; do contrário, fica sem a melhor parte da herança.

Desde já lhe peço metade da estima com que V. me honra e compraz, para ele, que ainda não pode por si angariá-la: mas eu duplicarei esforços pola merecer.

Como se o coração mo adivinhasse, dias antes daquele ocorreu-me a idéia de preparar um mimo para meu filho.

Se a gente se prepara para obsequiar um hóspede, é natural que se prepare para obsequiar o dono da casa.

No dia 27 de setembro estava preparado o mimo — este manuscrito.

V., eu e todos sabemos como andam aí as livrarias atulhadas de bons livros, em desar do perene dilúvio dos péssimos.

Não era, porém, de um livro simplesmente a questão; ia mais longe; ligava-se à idéia do livro a lembrança do trabalho.

Eu queria lisonjear meu filho, dando-lhe uma lição de trabalho, da qual ele tire proveito no futuro, se lá chegar e tiver juízo.

E eis aí.

Agora quanto à publicidade do manuscrito.

— Isto foi escrito por um pai, dizia-me comigo ontem; se aqui houver coisa que a meu filho seja útil, porque escondê-la, correndo a publicidade sem mores² sacrifícios de mais a mais? Às vezes um grão de trigo não é a origem de um celeiro?

Nisto considerando, tomei a resolução. Mas esta não se efetuará, se a V., a cujo esclarecido juízo entrego o manuscrito, parecer insensata.

Não há lisonja que desvie o seu ilustrado espírito do rumo da probidade e da delicada franqueza, quer em letras, quer em tudo o mais. Deixe-me, pois, falar.

Além de outros, distingue-o no meio dos estudiosos o título do respeito — quase culto — que à língua portuguesa V. consagra. Na sua idade não é fácil encontrar quem ande mais em dia com as lições dos clássicos, nem eu conheço outro mais aproveitado nas do progresso.

Ajunte-se a isso a provisão de bom senso que o caracteriza — e diz-me a consciência que não errei na escolha do juiz.

Observei em nossos curtos diálogos que V. nunca analisa para *dar lições*, mas sim com o intuito de aprender — o que mais e mais realça o muito que V. a mim e a tantos outros pode ensinar.

Não há de aprender nada em meu manuscrito, lá isso, não; mas há de seguramente lê-lo com atenção, e portanto mondará os defeitos mais daninhos.

Uma única observação.

Notará em certos pontos o descuido da clareza apropositada à verde compreensão dos meninos.

Não foi descuido, foi intenção.

Afigurou-se-me ser de mister dar lugar de quando em quando às perguntas por parte dos meninos. Costumá-los a compreenderem tudo sem esforço próprio — será, talvez, ocasionar que o espírito lhes adoeça de negligência.

Já na Alemanha, se bem me lembra, houve diretor de colégio que afazia os educandos em horas de recreio a decifrarem charadas e enigmas, preparando deste modo suavemente para o cálculo aqueles que seguissem mais tarde o curso das matemáticas. Não me pareceu desarrazoada essa lembrança.

Finalmente, à sua bondade e pachorra entrego o manuscrito. Se não valer a pena — rasgue-o.

Seu, *ex corde*

Bruno Seabra

Bahia, 1870

¹ Note o leitor que este *V.* se refere a *Vossa Mercê*, forma de tratamento indicativo de respeito usual ao tempo do autor.

² Neste caso o autor suprime as vogais átonas de *maiores* resultando na forma *móres*, da primeira edição, que, por sua vez, daria em *mores*, atualizando-se o uso do acento gráfico.